

POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Recebido em 20 de janeiro de 2021

Aprovado em 15 de fevereiro de 2021

A Educação é transformadora!

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i2.42989>

Thais Cristófaró Silva

Professora Voluntária no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi professora Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais entre 1994-2019. Atualmente, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1A. Possui mestrado em Linguística pela UFMG (1986), doutorado em Linguística pela Universidade de Londres (1992) e realizou Pós-Doutorados na Universidade de Newcastle (2002), na PUCMINAS (2011) e na University College London (2017).

E-mail: thaiscristofaro@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9187-4154>

A militância política me levou até a Linguística. Em 1977, eu e mais três amigas fizemos um Curso de Indigenismo em Ananindeua, no Pará, onde tivemos como professores Carmen Junqueira e Carlos Alberto Ricardo. Voltamos para Belo Horizonte e constituímos o “Grupo de Estudos da Questão Indígena”, que era formado por jovens universitários que estudavam a história das populações originárias e denunciavam as arbitrariedades cometidas contra essas populações. Éramos jovens determinados a prevenir a agressiva política anti-indígena em vigor. Em 1978, tomamos



conhecimento da existência de uma prisão indígena em Minas Gerais: a Fazenda Guarani, no município de Carmésia. Junto de três amigos enveredei pela Serra do Cipó e lá chegamos. O local consistia de uma rua com casas dos dois lados e ao final tinha um posto indígena da Funai (Fundação Nacional do Índio). Várias pessoas saíram de suas casas ao estacionarmos o fusquinha-68. Estas pessoas, certamente, eram membros dos povos originários do Brasil. Ingenuamente, perguntamos se ali era uma prisão indígena, o que foi negado. Logo em seguida, apareceu o chefe do posto da Funai que nos convidou para irmos até à sede do posto. Para a nossa surpresa, o chefe do posto nos contou sobre a prisão indígena que abrigava pessoas de várias comunidades indígenas, mencionou a proibição de se usar ali qualquer língua além do português, indicou que os krenak foram para lá forçados pelo governo e nos mostrou o local de tortura dos índios. Os quatro amigos saíram de lá cientes da situação e, com apoio do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e de vários professores da UFMG, passamos a divulgar o que havíamos visto. Em 1978, organizamos um seminário histórico com a participação de Darcy Ribeiro e Dom Tomás Balduino para denunciar as atrocidades cometidas contra as populações indígenas, e em especial a prisão indígena que havíamos encontrado.

Eu mantinha relações de proximidade com a população krenak. Tanto eu os visitava quanto eles se hospedavam em minha casa em Belo Horizonte. Nestas ocasiões, eu escutava conversas entre eles no que eu pensava ser uma língua diferente do português. Quando eu perguntava que língua eles estavam falando, eu era informada que era português mesmo. Eu decidi que, para compreender aquela língua, eu deveria me instrumentalizar. Em 1981, eu fiz um curso de Documentação de Línguas Indígenas, organizado pelo CIMI, em que tive como professores Marília Facó Soares e Marcio Ferreira da Silva. Na primeira aula de Fonética e Fonologia, eu decidi que havia encontrado a minha

profissão. Na época, eu era professora de matemática no ensino médio e cursava a graduação em Filosofia. Foi, portanto, uma guinada profissional na minha carreira. E, eu tive a certeza que estudar a sonoridade das línguas é o que eu queria fazer para sempre!

Em 1979, acompanhamos um grupo de krenaks no retorno para as suas terras no Rio Doce. A partir dali, muita coisa aconteceu e hoje em torno de 600 indivíduos vivem nas terras krenak. Junto com a ação política de apoiar aos krenak para reaverem a terra que tinham por direito, eu estudei a língua deles e em 1986 concluí a minha dissertação de mestrado intitulada “Descrição Fonética e Análise de Alguns Processos Fonológicos na Língua Krenak”.

Em 1986, fui para a Inglaterra cursar o Doutorado em Fonologia. Passei a estudar a fonologia do português e do inglês. Concluí meu Doutorado e decidi retornar ao Brasil uma vez que por quatro anos eu tive bolsa de estudo financiada pelo governo brasileiro através do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Ingressei na Universidade Federal de Minas Gerais como docente em 1994. Em 1996, eu voltei para a Inglaterra para ter o meu segundo filho e lá permaneci por um ano. Neste período, comecei a estudar sobre o ensino da leitura e da escrita para crianças já que meu filho mais velho estava sendo alfabetizado. Eu me interessei também por aquisição de segunda língua por ter um filho bilíngue. Finalmente, neste período na Inglaterra, eu finalizei o projeto de um livro didático que foi iniciado em 1997 na UFMG: *Fonética e Fonologia do português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios* foi lançado em 1999 (Editora Contexto). O livro tem por objetivo ensinar os conceitos básicos de Fonética e Fonologia e aplicá-los à descrição do português brasileiro.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, publiquei outros livros: *Dicionário de Fonética e Fonologia*, *Pronúncia do Inglês para Falantes do Português Brasileiro* e *Fonética Acústica*, todos pela Editora Contexto. Tive como foco central da minha produção científica a elaboração de livros didáticos. Artigos publicados em periódicos e capítulos de livros refletem resultados teóricos de pesquisa que têm menos acesso ao público em geral, mas que contribuem para ampliar o conhecimento científico.

Entre 2004 e 2010, tive um excepcional parceiro de pesquisa, Leonardo Silva de Almeida, com quem construí dois bancos de dados: *Aspa* e *e-Labore*. O Projeto *Aspa* é um banco de dados que oferece um buscador fonológico que permite ao usuário identificar padrões fonológicos do português brasileiro. Pode ser muito útil para pesquisas teóricas e para identificar padrões fonológicos similares que podem ser utilizados em projetos de educação. O Projeto *e-Labore* é um banco de dados de produções textuais de crianças de 6 a 12 anos residentes em Belo Horizonte. As buscas neste banco de dados oferecem informações importantes sobre os principais erros de ortografia feitos pelas crianças. Estes dois projetos já estiveram disponibilizados ao público, mas tiveram seu acesso suspenso por falta de financiamento. Em breve os dois projetos deverão estar disponíveis em www.fonologia.org.

O domínio que acabo de mencionar é um site de ensino de Fonética e de Fonologia que tem por objetivo disponibilizar vários recursos de ensino e aprendizagem nestas áreas. Em 2021, o site foi ampliado tendo sempre como objetivo ampliar o acesso gratuito ao ensino e aprendizagem de Fonética e Fonologia.

A militância política que me levou até a Linguística sempre fez parte da minha trajetória científica. Sempre descobrindo novos caminhos e buscando retornar para a sociedade o que aprendi. Socializar o conhecimento é uma maneira de retribuir os diversos incentivos que eu obtive durante o meu percurso acadêmico. Ainda tenho vários projetos a serem realizados e tenho muito orgulho em ser uma profissional da educação: A educação é transformadora!